

# Um poeta pelas margens

Adilson Citelli

Professor titular no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP.

E-mail: citelli@uol.com.br

O poeta escolhido para este número da revista *Comunicação & Educação*, Francisco Alvim, ou, Chico Alvim, nasceu em Araxá (MG), em 1938. Iniciou estudos em Direito, no Rio de Janeiro, mas sem concluí-los. Coursou o Instituto Rio Branco e seguiu carreira diplomática, passando pelos postos de secretário da representação brasileira na ONU, consul e embaixador. Em 1968, publicou o primeiro livro, *Sol dos cegos*, vindo em 1974, *Passatempo*. Juntamente com Cacaso, Chacal, Geraldo Carneiro, Roberto Schwarz, compôs o grupo Frenesi, que ficou conhecido por abrigar a chamada “poesia marginal”.

Os livros de Chico Alvim, que eram distribuídos de modo quase artesanal, ganharam edição comercial através da editora Brasiliense, com a publicação, em 1981 de *Passatempo e outros poemas*. Em 2000, a crítica recebeu com entusiasmo o volume *O elefante*, editado pela Companhia das Letras. A sua obra mais recente é *O metro nenhum*, de 2011, também publicado pela Companhia das Letras.

Entre as marcas da poesia de Francisco Alvim estão uma escrita que rompe certas normas literárias, introduzindo, a partir de diálogos com autores como Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, o poema curto, o poema piada, a linguagem coloquial com forte ênfase nas expressões cotidianas e de uso pelas camadas populares. Francisco Alvim promove experiências com a forma-poema ao mesmo tempo em que problematiza aspectos afetivos e políticos da vida brasileira: o preconceito social, a religiosidade, os excessos do consumo, as relações de poder, a desigualdade econômica, a sexualidade, a denúncia da violência promovida pela ditadura militar.

## Poemas extraídos do livro *Sol dos cegos*, de 1968

### Os verdes

*Enterra o morto  
que se quer dono  
desta hora  
O morto é morto  
não podes cultivá-lo  
no teu agora  
Sopesa o instante:  
os verdes, a fala  
de todos  
Em horto diverso  
reside o morto –  
num horto morto  
Enterra o morto*

### O eclipse

*Dois cegos viajam no ônibus  
A gente das ruas move-se contra um imutável muro cinza  
Súbito  
o eclipse iguala todas as faces  
Órbitas vazadas  
Cegos*

### Cena de obra

*Sob um céu de rapina operários  
trabalha.  
Um deles, um negro, o serviço acabado,  
lava-se nas águas de um esgoto.*

### Amor

*Por um instante, retive-me em ti  
  
Formei contigo um único poro  
por onde penetrou a consciência unívoca de nossa posse  
de nossa perda*

*MEU CONTORNO no mundo, devo a esta luz: a mesma que se ilumina agora no desenho de todos nós, objetos deste quarto, e que extinguimos em sombra.*

*ESTOU EM mim  
Estou no outro  
Estou na coisa que me vê  
e me situa*

*Diante de mim  
diante do outro  
diante da coisa  
está a morte*

### **Corpo**

*quantas cidades  
te percorrem passo a passo  
antes de entrarem nos mil lares  
que te aguardam  
é mesmo preciso usar sapatos  
porque não gastar na pedra  
uma pele que se lixa longe do  
tato  
dentro do ônibus todos os dias  
viajam sentados  
em meio a ombros colados  
túneis esgoto bichos  
sorvetes coxas anúncios  
uma criança um adulto  
modelam a cidade  
na areia  
longe  
perto do coração onde  
uma cabeça gira o  
mundo  
correndo na grama a sombra  
de quantos assistem sentados  
enquanto das traves pende  
o corpo de um de todos  
enforcado  
enquanto as orelhas ouvem  
ouvem  
e não gritam*

*há um fora dentro da gente  
e fora da gente um dentro  
demonstrativos pronomes  
o tempo o mundo as pessoas  
o olho*

## Poemas extraídos do livro *Elefante*, de 2000

### **Carnaval**

*Sol*

*Esta água é um deserto*

*O mundo, uma fantasia*

*O mar, de olhos abertos  
engolindo-se azul*

*Qual o real da poesia?*

### **Motel**

*Vou mostrar a vocês o meu Shangri-la*

### **Em Minas**

*O senhor é de Brasília?  
Então me diga  
e essa tal de política  
como é que anda por lá?  
A mesma pergunta –  
com pequenas variações na sintaxe e na prosódia –  
na boca do balconista  
madurão e simpático  
do que talvez seja a última  
chapelaria de BH  
(“A Cabana”, em frente ao Mercado Municipal)  
e na da velhota feiosa  
baixotinha*

*dentes sujos de batom  
encantadora  
que cortou meu cabelo  
no Salão (miserabilizado) Haute Coiffure Unisex Itália  
da Afonso Pena  
à noite o primo distante e mais velho  
depois de ouvir a palestra  
numa curiosidade entre disfarçada e assustada  
Não me diga que você vai votar nele  
– Confesso que vou  
Pois seu pai não haveria de gostar nada*

## Poemas extraídos do livro *O metro nenhum*, de 2011

### A poesia

*Houve um tempo  
em que Schmidt e Vinicius  
dividiam as preferências  
como maior poeta do Brasil  
Quando por unanimidade ou quase  
nesse jogo tolo  
de se querer medir tudo  
Drummond foi escolhido  
ele comentou  
alguém já me mediu  
com fita métrica  
para saber se de fato sou  
o maior poeta?*

*Estava certo  
Pois a poesia  
quando ocorre  
tem mesmo a perfeição  
do metro —  
nem o mais  
nem o menos  
— só que de metro nenhum  
um metro ninguém  
um metro de nada*

### **Um churrasco**

*Não foi desmarcado  
Ela já estava muito velhinha  
e muito doentinha.*

### **Meio do caminho**

*Dá vontade  
de sentar dar  
nem  
um passo à frente ou  
atrás*

### **Terço**

*Foi dela  
Era tida como uma santa  
Com quem fica?*